

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2023



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Revisão Editorial | Copy-Editing

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Investigadores História Antiga | Ancient History Researchers

Bruno Marques dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), João Paulo Galhano (Universidade de Lisboa), Maria Ana Vaidez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Bristol), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Treballe (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico), Sandra Boehringer (Université de Strasbourg).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Marta Pacheco Pinto (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Vasileios Balaskas (University of Malaga).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual



ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15.00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to the Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 "INFERIOR PERO INDISPENSABLE, TEMIDA PERO TAMBIÉN, (...), DESEADA, E INCLUSO AMADA."

El peligro de lo femenino en la creación y consolidación de la comunidad de dioses y hombres

The danger of the Feminine in the creation and consolidation of the community of Gods and Men

Núria Llagüerri Pubill & Carmen Morenilla Talens

- 39 DESFAZENDO O TECIDO DE PENÉLOPE:
Cultura material, pesos de tear e a questão de gênero

UNDOING PENELOPE'S FABRIC:

Material culture, loom weights and gender studies

Arianna Esposito & Airton Pollini

61 ESTUDOS

ARTICLES

- 63 A ASCENSÃO E QUEDA DE UMA PRINCESA BABILÓNICA NO SÉCULO XIV A.C.:
Tawananna, de rainha a proscrita do Hatti

THE RISE AND FALL OF A BABYLONIAN PRINCESS IN THE 14TH CENTURY BCE:

Tawananna, from queen to outcast of the Hatti

Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida

- 83 VISÕES OITOCENTISTAS PORTUGUESAS SOBRE O ANTIGO EGÍPTO

NINETEENTH-CENTURY PORTUGUESE PERSPECTIVES ON ANCIENT EGYPT

João Paulo Simões Valério

- 109 REFLEXOS DE UMA CIVILIZAÇÃO:
Representações do Mundo Helénico em Espelhos Etruscos

REFLECTIONS OF A CIVILIZATION:

Representations of the Hellenic World in Etruscan Mirrors

Catarina dos Santos Madeira

129 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

155 RECENSÕES

REVIEWS

269 IN MEMORIAM

279 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



RECENSÕES
REVIEWS

inteligência. A espaços, a autora propõe anacronicamente algumas soluções extemporâneas para certas personagens eurípidianas, que podem não fazer sentido para a época que as recebe, mas que, em contrapartida, não infirmam a qualidade do texto e o rigor com que foi elaborado. Para S. Perris (pp. 199-217) é merecedor de atenção o tema pouco explorado dos regimes oligárquicos na tragédia: Atena, nas *Euménides*, selecciona para o Aerópago de entre τὰ βέλτατα os melhores homens; a etimologia de certas palavras como *aristês* e *philotimia* tem discussão cuidada; os coros de Sófocles podem ser interpretados como entidades oligárquicas (i.e. *Antígona*); vários fragmentos de Eurípides são revolidos à procura de vestígios lexicais que apontem para a discussão de regimes oligárquicos, etc. *In nuce*, uma belíssima e robusta pesquisa donde avultam talento e suma competência. Para fechar, da autoria de R. Cowan (pp. 219-28), entra em cena a perdida obra *Thyestes* do romano Lucius Varius Rufus, de que apenas se conserva um fragmento. Ela divulga um duplo trilho que o autor pretende harmonizado: por um lado pode estar associada ao conceito de *stasis* que a vitória de Augusto sobre Marco António modula, por outro pode servir fins propagandísticos no contexto dos jogos *ta aktia* em 29 a.C.

A uma colectânea de estudos que em boa hora nos foi proposta para leitura devemos fazer notar alguns pormenores da disposição gráfica: as notas de rodapé acompanham o texto, escolha que saudamos com entusiasmo; estranha-se, de modo geral, o uso parcimonioso de imagens; o livro vem ainda guarnecido com bibliografia actualizada (apenas mencionada na lista e não consultada *de facto* em nenhum dos artigos, *Visual Power in Ancient Greece and Rome* (2018), de T. Hölscher, é uma obra utilíssima para o tema em apreço; nota-se, portanto, a sua falta) e dois índices onomásticos que facilitam a consulta.

Em conclusão, o volume revela-se uma ferramenta didáctica muito valiosa que recupera com propostas inovadoras um tema acantonado não no esquecimento das academias, mas na presumida ligação débil entre os tópicos da autocracia e da tragédia. Afinal, como prova o itinerário de abordagens, o tópico é sólido e riquíssimo.

Sílvia Catarina Pereira Diogo

ARTIS-IHA, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

JOHN BOARDMAN (2019), *Alexander the Great: From His Death to the Present Day*. New Jersey, Princeton University Press, 171 pp. ISBN 978-0-691-18175-2 (\$29.95).

O aviso é dado pelo autor logo no início: este não é um livro sobre a história de Alexandre, mas antes uma obra “almost wholly concerned with stories told about him after his death”, ou seja, “the fantasy that scholars and poets have woven around him from antiquity down to present day” (p.1) e, como tal, “devoted to a selection of the stories about Alexander that were invented and circulated after his death, and to the ways he has been treated by authors and artists ever since”.

De autoria de John Boardman, Professor Emérito de Arqueologia Clássica de Oxford, e uma das maiores autoridades em Arte Clássica, não estamos perante um livro que pretenda ser uma biografia de Alexandre, o Grande, mas antes de um apanhado – “personal and not quite random” –

sobre os múltiplos aproveitamentos, embelezamentos, exageros e liberdades criativas que ao longo dos séculos o Macedónio foi motivando. Boardman, que foi homenageado em Portugal em 2017 com um congresso internacional para assinalar o seu 90º aniversário, recorre a vários vestígios artísticos e numismáticos, mas não só, para se concentrar na “fantasia alexandrina” (expressão nossa), e de como esta se foi transfigurando através dos tempos e das geografias, não enveredando, portanto, na tentativa de reconstruir o lado “histórico” de Alexandre. Esta é uma dicotomia que costuma ser constante nas obras sobre Alexandre, divididas entre a “realidade” e a “fantasia”, mas desta feita o foco está sobretudo na “fantasia”.

De facto, em termos de reconstrução histórica, a demanda de Alexandre é difícil de fazer quando se procura ir além de uma ideia genérica do seu périplo. Apesar de ter sido acompanhado por Calístenes de Olinto, por exemplo, que registou a viagem do Macedónio – enquanto viveu –, as narrativas que hoje temos sobre as conquistas de Alexandre foram escritas três ou mais séculos depois, por Diodoro da Sicília, Plutarco ou Arriano de Nicomédia. Mas, e apesar de baseadas parcialmente em textos originais, ou em excertos desses, nos séculos entre a data dos eventos e o seu registo por estes autores, a lenda, histórias e as historietas sobre a epopeia que criaria, em pouco mais de dez anos, o maior “império” até então – que teve tanto de grandeza militar como de reduzida longevidade –, ganharam diferentes roupagens, umas dificilmente confirmáveis, outras inquestionavelmente do reino do fantástico. Além disso, falando nós de autores já do período romano, há também que considerar a vocação propagandística de alguns destes textos.

Mas, com Alexandre, o fantástico/divino era já “normal”, mesmo quando vivo, em muito alimentado pelo próprio e/ou pelos seus objectivos, acelerando-se depois, com a sua morte, para não parar de crescer nos séculos posteriores a Diodoro, Plutarco ou Arriano, atingindo o “pico” na época Medieval, época em que a “única” fonte para o conhecimento da figura era praticamente o “Romance de Alexandre”. Nas suas diversas variantes, este texto concentrava quase toda e qualquer história que se contava sobre Alexandre, independentemente da sua (falta de) lógica ou sentido.

A ideia do livro de Boardman é assim avançar com breves apanhados sobre a evolução do mito/fantasia em que se tornou Alexandre, através dos séculos e das geografias, abordando mesmo regiões que ficaram bem afastadas dos avanços do Macedónio – como a Islândia ou China, por exemplo. Dizemos “breves apanhados” porque a diversidade de séculos e geografias que o Boardman engloba na obra acabam por obrigá-lo a avançar com pouco mais do que ligeiras abordagens a cada um dos tópicos, ainda que no caso em apreço as “ligeiras” abordagens de Boardman surjam repletas de valor.

Para perceber a razão de um tão alargado leque de histórias e fantasias que envolveram Alexandre nas mais diferentes geografias, é preciso ter em atenção alguns factores particulares do filho de Filipe da Macedónia, já que cada um destes está na origem de novos motivos para mais histórias, mitos ou fantasias. Desde logo os diferentes “cargos” que Alexandre foi tomando ao longo da sua conquista – *basileus* dos Macedónios, *hegemon* dos Gregos, líder dos Aqueménidas, sucessor dos faraós, filho de Zeus, próximo de Dioniso ou até *theos aniketos*. A estes “cargos”, há que juntar o impacto que os seus fortes traços de personalidade tiveram ao longo dos tempos, potenciando duas grandes vias biográficas, umas seguindo a ideia de “Alexandre, o grande conquistador”, e outras a de “Alexandre, o boémio temperamental” – ambas provavelmente verídicas, tendo o Alexandre “temperamental” ganhado espaço à medida que a sua conquista se ia prolongando e expandindo.

Com estas duas facetas bem vincadas, Alexandre tornou-se assim um excelente exemplo tanto para quem queria representar um “bom líder”, como para aqueles que queriam exemplificar um “mau líder”. Este aspecto, somado aos diferentes epítetos que o Macedónio foi acumulando ao longo da “explosão” que foi a sua década de liderança, mas também as próprias bases que a sua expansão lançou para o crescimento do Helenismo e das regiões por onde passou, deixaram como legado dezenas, ou centenas, de possíveis caminhos para serem recriados, fantasiados e cada vez mais potenciados. Daí que qualquer obra que procure fazer um apanhado de todos estes aproveitamentos terá invariavelmente de optar entre duas vias mutuamente exclusivas: ou uma abordagem aprofundada a poucos tópicos, ou uma abordagem a vários tópicos, mas com aproximações ténues a cada um deles – o caso deste livro.

Apesar de o foco estar essencialmente nas fantasias criadas à volta de Alexandre, o livro oferece-nos também uma revisão crítica das fontes que temos disponíveis sobre o Macedónio, arrancando precisamente por aí. Boardman explica porque dá mais atenção a umas fontes (Plutarco e Arriano) do que a outras (Diodoro da Sicília), residindo nesta parte, assim como na seguinte, os segmentos historiográficos mais relevantes de um livro que não se pretende de História – mas que o é, ainda que a espaços. Este último aspecto fica particularmente evidente quando Boardman se lamenta por Arriano: “His research into Alexander’s campaigns (*the Anabasis of Alexander*) was thorough. Not surprisingly, therefore, he is not too easily led into speculative fantasies, and this sadly makes him less useful for present purposes of collecting historical gossip” (p.18). O tom “tucididiano” de Arriano não é, seguramente, o mais indicado para quem procura o fantástico.

Um aspeto relevante associado às fontes clássicas que, no entanto, fica de fora da apreciação historiográfica de Boardman diz respeito à tal vocação propagandística de algumas fontes – a maioria das obras que são fontes para o estudo de Alexandre surgiu no tempo romano, atravessando os séculos da transição de República para Império, fase em que Pompeio se designou também de “Magno”, em que César é apontado como leitor de obras sobre o Macedónio, ou quando, de acordo com Suetónio, Octávio Augusto venerou o féretro de Alexandre. Nesta época, o Macedónio é tanto o grande conquistador, unificador do mundo, como o grande destruidor da liberdade republicana. Este aspecto, esta análise crítica das fontes, porém, seria merecedora de uma obra só por si, e foge ao objetivo anunciado neste livro, razão pela qual terá ficado de fora – ainda que Boardman acabe mais tarde por salientar como é “hardly surprising that Alexander should be taken by Rome as a model for the ideal conqueror to whom boundaries meant nothing” (p.42).

Abordados os “biógrafos” de Alexandre, o livro avança para as peripécias à volta do corpo e cerimónias fúnebres do *hegemon* pela Liga de Corinto, razão pela qual, ainda antes de descolar por completo dos “vestígios historiográficos” de Alexandre, o autor olhe para a morte, o funeral e o destino dado ao corpo do Macedónio, residindo também aqui alguns dos pilares para as futuras fantasias alexandrinas, ou não tivesse o próprio destino dado ao seu corpo envolto em bastante obscuridade, já que todos os seus próximos o reclamaram. Com efeito, possuir o corpo equivaleria quase automaticamente a suceder-lhe. Primeiro reclamado por Perdicas, depois “raptado” por Ptolemeu e levado para o Egipto, inicialmente enterrado em Mênfis, depois em Alexandria, acabar-se-ia por perder o rasto ao túmulo com o passar dos séculos.

Esta perda do rasto, porém, não significa que os relatos e os aproveitamentos do corpo e do túmulo não se tivessem sucedido, independentemente de os restos mortais do general se encontrarem

ou não em Alexandria. Seja com o florescimento e crescimento do cristianismo nas partes orientais do Império Romano, nos sécs. IV e V da nossa Era, seja com as explorações levadas a cabo pelo califa Al-Mamun a Alexandria, no séc. IX, e mesmo nos séculos posteriores, os “avistamentos” ou visitas ao túmulo de Alexandre continuaram a suceder-se, assim como as referências a vários outros locais onde alegadamente estaria sepultado o seu corpo – de Sivá, no Egipto, a Veneza, em Itália, ou Vergina, na Macedónia Central –, sinalizando-se assim, no fundo, a quantidade de líderes, militares ou religiosos, que procuraram através dos tempos associar-se a Alexandre.

Os retratos de Alexandre na Antiguidade são o aspecto seguinte abordado pelo autor, podendo esta ser vista como a “praia de Boardman”, que mergulha nas dezenas de imagens que a arte nos legou sobre o Macedónio, apontando, como fica notório na evolução destes retratos, para o modo como as suas representações evoluíram de “showing him and his deeds developed from the probably real, of his lifetime, to the imaginary but based on exaggeration of the ‘real’, to the totally fanciful” (p. 38). Actualmente estão listados perto de 160 destes retratos, seja em quadros, cerâmica, moedas ou bustos.

A expansão e divulgação dos romances de Alexandre na Idade Média são o aspecto seguinte a que Boardman presta atenção. Estes romances, que se estima terem nascido a partir de histórias criadas ainda no Egipto ptolemaico, terão sido os que mais contribuíram para o desenvolvimento do mito/fantasia de Alexandre, existindo deles versões gregas, francesas, espanholas, inglesas, etc. Neste capítulo, Boardman analisa alguns dos principais temas abordados nesses romances, desde a linhagem do general, ao cavalo Bucéfalo, passando pela invenção de uma máquina voadora, sendo esta última um “contágio” provável de tradições preexistentes em algumas regiões orientais, “where flying gods and heroes were commonplace” (p.68). Fica evidente, pelo apanhado de Boardman, como estes romances eram, acima de tudo, uma fusão de uma miríade de tradições, cada uma delas devidamente ajustada ao seu tempo e espaço. A figura de Alexandre na Pérsia, na Índia, os seus diferentes usos e aproveitamentos desde o Renascimento até aos séculos que nos são mais próximos, seguem-se no livro, que termina com as visões contemporâneas do Macedónio, tanto nos palcos como nos ecrãs, e um rápido olhar aos que foram apontados como seus “sucessores”, não tanto ao nível político, mas do ponto de vista da viagem e da exploração, como Marco Polo, por exemplo.

“De facto, durante aquele breve reinado ocupado quase que em permanência com operações militares, nada de muito sólido pôde ser construído. Mas o que se desenvolveu depois da sua morte (...) é-lhe devido, na medida em que é precisamente a sua imagem, a representação que foi dada dos seus actos e das suas ambições, o elemento fundador do que se chama civilização helenística.” É desta forma que Claude Mossé termina a sua biografia de Alexandre, sublinhando como também cabe à História a necessidade de se ter “em consideração o imaginário e o seu lugar na evolução das sociedades”. É neste sentido que apontámos que o livro de Boardman, mesmo preferindo as fantasias e os mitos à história de Alexandre, é um livro de História.

Ainda assim, em alguns capítulos sente-se falta de uma maior ligação entre ideias ou entre saltos cronológicos/geográficos dados pelo autor. Ao enfrentar o tema Alexandre focado mais no mito do que na História, Boardman oferece-nos uma perspectiva diferente das que por norma encontramos nas biografias do Macedónio, como a de Mossé, para quem o principal foco é a reconstrução possível da sua “vida e obra”, com apenas uma pequena parte dedicada à sua “recepção”. Ao optar por esta abordagem distinta, Boardman consegue reunir num único livro dezenas, senão centenas,

de mitos, roupagens, fantasias, aproveitamentos e propagandas relacionadas com Alexandre que, apesar das rápidas abordagens, seguramente pouparão dezenas de horas a quem quiser mergulhar mais em algum aspecto particular deste imenso universo.

Filipe Paiva Cardoso
Universidade Católica Portuguesa

DELFINO LEÃO, DANIELA FERREIRA, NUNO SIMÕES RODRIGUES, et RUI MORAIS, eds. (2022), *Our beloved Polites. Studies presented to P.J.Rhodes*. Oxford, Archaeopress, 394 pp. ISBN 978-1-80327-170-5 (€56.00).

Este volume dedicado ao insigne historiador e epigrafista, inicialmente previsto como actas de um encontro, tem a infeliz circunstância de ser editada pouco depois da notícia do falecimento do homenageado. A obra abre com um tributo de John Kenyon Davies, colega e amigo de Rhodes desde Oxford, que presta homenagem analisando as principais linhas directrizes do trabalho de uma carreira marcadamente consistente e coerente. Os temas – historiografia, direito, política e epigrafia (os mesmos que dividem internamente esta homenagem) – não são de forma alguma estanques, sendo a divisão escolhida meramente organizativa e permitindo uma consistência no agregado do seu legado científico. Esse necessário e natural diálogo é claramente encontrado nos diferentes contributos do volume, cuja postura do retorno às fontes é transversal e garante especial pertinência à colecção. Ao contrário do que, por vezes, recorre excessivamente em obras de homenagem, a recolha dos contributos deste volume foi muito bem dirigida tematicamente e os artigos resultantes são, na sua larga maioria, inovadores e relevantes no campo da heurística documental tratada.

A primeira parte, “História e Biografia”, colige artigos que têm como ponto de partida notas e comentários a fontes literárias com carácter historiográfico. Denis Correa analisa o episódio da visita do próprio Heródoto ao mesmo templo que Hecateu teria conhecido em Tebas, no Egipto, e as diferentes conclusões que as visitas produzem são como mote para contestar, rever e comparar um mesmo assunto: a genealogia do próprio Hecateu. Correa mostra como a estratégia de dramatização e comparação ancora um discurso hipolético, estabelecendo uma estrutura para resposta e revisão da tese anterior no médium prosaico. Robert Wallace avança a tese de que Tucídides, ao recolher e estabelecer os factos dos episódios das expedições atenienses à Sicília, ainda não teria definido a linha narrativa que orienta a obra em torno da crescente arrogância de Atenas. As motivações para as intervenções teriam sido estratégicas e evidentes – enfraquecer aliados de Esparta – e as justificações que entrelaçam a *hybris* ática teriam sido introduzidas inconsistentemente. Ainda sobre narrativas inesperadas em Tucídides, Amanda Ledesma Pascal aborda a digressão mitológica da origem de Eniades na sequência uma catérese de Alcmeón (2.102.5-6) e como o episódio opera como paradigma, não só, dos tropos associados às fundações de cidades, mas também, dos *realia* de práticas integrantes como purificação e de consulta oracular. Antonis Tsakmakis chama a atenção à valorização dada aos Jónios na narrativa da batalha de Éfso nos *Hellenica* do Oxirrincos, por oposição ao destaque exclusivo dos restantes intervenientes (Dóricos, Atenienses e Persas) em



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH
-UL

CENTRO DE
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA